

# Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXV | #146 | nov/dez 2015



Montanhismo  
**Transmantiqueira**  
**Pico da Gomeira - SP**  
**Parque das Emas - GO**

**Escalada tradicional**  
**Três Pontões - ES**  
**Escalada esportiva**  
**Brincando de escalar**



## Climbing, 8anu, redes sociais e vida real

gatividade e desgraça não faz sentido, mas omitir os perrengues, as responsabilidades, as dúvidas, pode tornar a aventura melhor pra ser contada, mas eu acho uma tremenda covardia. Se o objetivo é motivar e inspirar, seja realista, se não na primeira dificuldade o novo aventureiro poderá perguntar o motivo de estar sendo tudo tão diferente do propagado por aí, do contado em entrevistas e podcasts.

Carol Emboava, ciclista brasileira, teve todo o meu respeito ao quase desistir da sua aventura de um ano de bicicleta. Pra mim ela teve uma coragem danada de jogar tudo pro alto por um momento, mostrando suas fragilidades e questionando seus objetivos, e, talvez por isso mesmo ela acabou não desistindo, talvez por não ter mentido pra si mesma e para todo mundo ser tudo um mar de rosas, uma alegria, sorrisos e selfies. É igual casamento, relacionamento, e acho com filho também. O real exige entrega, planejamento, dias bons, dias ruins, bem o contrário do estampado em fotos perfeitas, em paisagens paradisíacas, em sorrisos intermináveis.

Esquecem de contar de propósito a realidade: a vida é maravilhosa, só não é perfeita, e tudo bem. O mesmo acontece quando lemos a Climbing, acessamos a 8anu, ou acompanhamos os escaladores no instagram. O outro lado do mundo parece de gramas verdejantes e montanhas perfeitas, a vida tranquila, a namorada companheira, o patrocínio pra toda vida e os graus impossíveis. Mas a gente se esquece dos dias de treino na chuva, do planejamento incansável antes de uma escalada solo, um high line, ou outro projeto qualquer, a gente não fica sabendo de todo esforço, do suor, noites em claro, discussões, coisas deixadas de lado como a família. Pior ainda a mania da gente de achar que a grama, a cidade, o país do vizinho é melhor, e a gente se esquece de reconhecer o nosso, e esquece de se esforçar, e ter paciência, persistência, sensibilidade.

Algumas semanas atrás um dos ídolos da escalada, Chris Sharma casou com Alarcon Jimena, uma modelo venezuelana com grande apreço por mostrar-se nas mídias virtuais, e o casal modelo da vida perfeita e casa

encravada nas montanhas desapareceu, Daila Ojeda se viu sem vários patrocínios, sem tanta visibilidade, obrigou-se a assinar contrato com outra marca, e chegou a declarar que escalaria mais por prazer. Com o passar do tempo se reinventou, encontrou um escalador bem gente boa e tocou a vida, e a grande lição é, todos temos problemas, independente de nossa conta bancária, independente do exposto mundo afora. Enquanto isso por aqui, nossos escaladores e profissionais das alturas dão show, a escalada brasileira vai crescendo, se organizando, e tem muita gente que não tem nem tempo de postar, comentar, publicar nada, pois estão lá fora vivendo a vida. Que a gente não esqueça então de viver belamente nossos problemas, desventuras e aventuras, que a gente consiga enxergar o belo nacional e internacionalmente, todos somos um só e ninguém, seja brasileiro, americano, canadense, consegue alcançar o sucesso sem um mínimo de paixão, vontade e suor mesmo que todas as redes sociais clamem o contrário! Boas e sinceras escaladas a todos!

TRILHAS & RUMOS

A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

ABRIGO TRILHAS WIND

PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE, BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

MOCHILA CRAMPOM 50

ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

MOCHILA CRAMPOM 40

SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

MOCHILA CAMPUS NET 2

TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

MOCHILA CRAMPOM 31

RESISTENTE, CONTA COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

BARRACA FLASH 2

LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUMNA D'ÁGUA.

SACO DE DORMIR ESSENCE

CONTA COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESSIEIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

ARMA EM ALUMÍNIO P/COTA 2

CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 10 SEGMENTOS)

TRILHASERUMOS

WWW.TRILHASERUMOS.COM.BR

21 2742-966

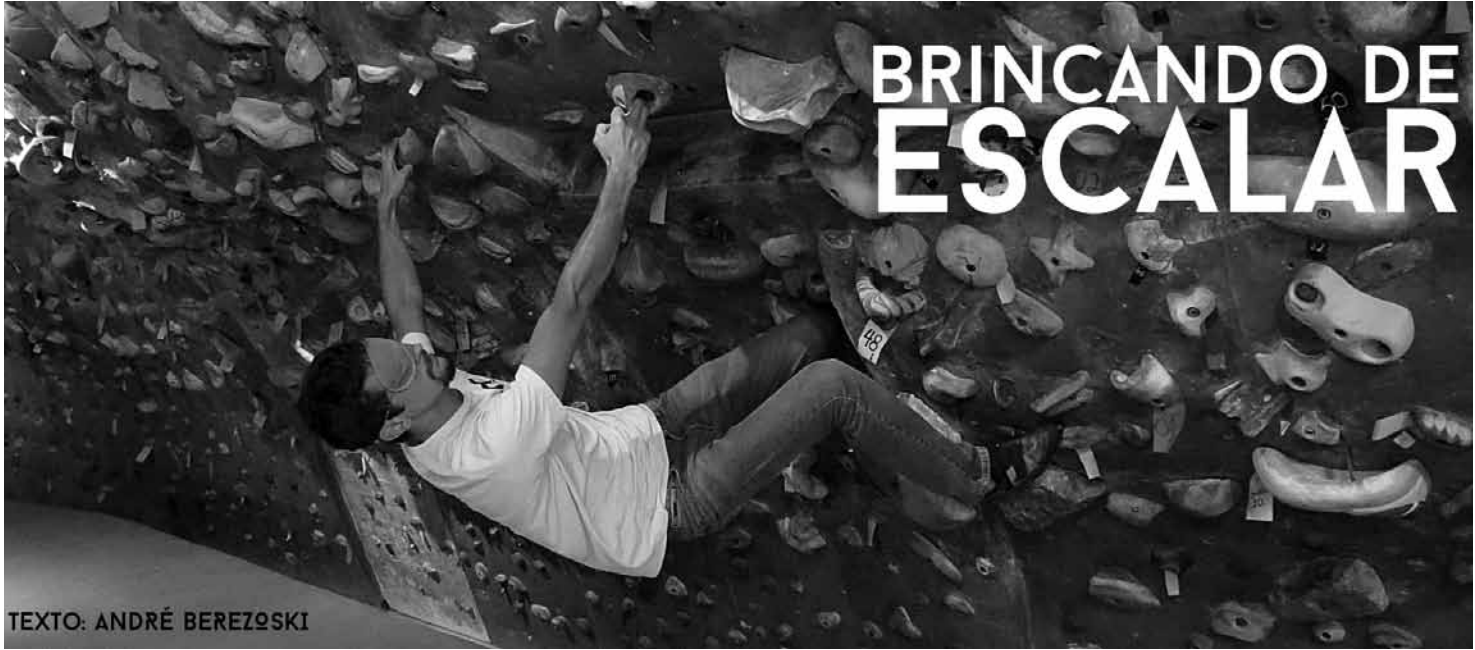
## Vista sua liberdade

# UPF 50+

Todos os produtos da coleção Verão da SOLO foram desenvolvidos visando **proteção solar, conforto, leveza e respirabilidade**

**SOLO**   
www.solo.ind.br





TEXTO: ANDRÉ BEREZOSKI

E quando podemos contribuir de forma profissional e impulsionar estas brincadeiras colocando a escalada como coadjuvante e inserir um esporte camuflado entre as brincadeiras do cotidiano, esta relação com o esporte se estreita e se anexa de forma muito mais sólida, criando assim não só bons escaladores, mas seres humanos que possam aprender a gostar da escalada e no que ela contribui no decorrer de sua vida pelo ponto de vista divertido e cultural e não só voltado a performance e resultados. Venho trabalhando com crianças na escalada no Brasil há pelo menos 15 anos, e assim como eu, todos os profissionais que têm se dedicado a apresentar e formar novos escaladores, com o tempo percebemos que o mais encantador é o quanto aprendemos em cada aula, com cada aluno, cada ano dedicado aos pequenos, e o quanto podemos mudar o cenário. O que está acontecendo no Brasil atualmente é uma revolução dos termos culturais relacionados a escalada em tantos anos de história nacional. Revolução no sentido de existir profissionais que se dedicam a mais importante fase na formação das gerações futuras, inserindo paredes nas escolas, condomínios, criando eventos só para crianças, escolinhas de escalada e apresentando a escalada como uma opção de atividade tão natural e motivadora quanto o futebol ou outros esportes populares, mudando até a visão dos próprios pais em relação à segurança na escalada, todo este trabalho feito de uma forma mais assistida e direcionada a se manterem escalando por mais tempo, algo que acontece desde sempre na Europa e EUA. Quem não se derrete ao ver uma criança sorrindo e brincando no dia a dia, imagina então se essa alegria toda possa vir de jogos e brincadeiras na parede de escalada? É impressionante como uma boa didática pode mudar completamente o cenário e a motivação. Temos vários exemplos, desde crianças que nunca experimentaram a escalada e que encontraram uma nova visão após uma simples brincadeira com animais de plástico de R\$ 1,99 espalhados pela parede, contando uma história de que os bichinhos saíram para passear na montanha e se perderam nas agarras, onde o objetivo da atividade é escalar, ir procurar e resgatar todos os animais da parede colocando dentro de saquinhos de magnésio, e depois de descer colocar de volta ao seu lugar. Para nós adultos pode parecer um jogo simples, mas ao fazer isso temos inúmeros pontos sendo trabalhados ao mesmo tempo, por exemplo:

O desafio de salvar os animais já é mais que um bom motivo para tentar a qualquer custo subir na parede. O lúdico da atividade motiva desde os que apresentam algum tipo de medo de sair do chão ou altura, até os menores com 2 anos já conseguem experimentar a escalada. Ao retirar uma das mãos para retirar o animal, pede que o corpo esteja bem posicionado, sem desequilibrar, criando esta consciência e repertório de movimentos desde cedo. O ato de colocar o animal dentro do saquinho de magnésio já se torna natural para quando passar a escalada tenha o movimento de acesso ao magnésio já no automático, assim como passar uma costura ou puxar a corda. O senso de segurança por ser responsável em trazer os animais de volta gera a percepção de ter que escalar com calma e voltar em segurança ao solo. Quando a atividade é complementada com perguntas de qual o nome do animal, em que tipo de ambiente ele vive e do que se alimenta, além de camuflar ainda mais a escalada, aumenta o repertório de conhecimentos gerais. Poderia citar mais benefícios sobre esta brincadeira, mas este é só um exemplo de uma das atividades desenvolvidas no Espaço BBloc, ginásio de Boulder em São Bento do Sapucaí, onde existem hoje vários jogos e brincadeiras relacionados e vários que podem ser criados dependendo da necessidade de cada indivíduo ou ambiente. O ato de trabalhar com jogos e brincadeiras na escalada é de extrema importância para se criar um vínculo mais profundo com o esporte, o fato de ter pais escaladores não é motivo suficiente para se formar um escalador, e como tenho visto em algumas famílias, por muitas vezes pode até afastar os filhos da escalada se não for conduzida de forma divertida e lúdica. As crianças que só experimentam estar na rocha enquanto os pais escalam, ou no ginásio enquanto treinam e não recebem estímulos divertidos além de terem que escalar, perdem completamente o interesse. Obviamente uma infraestrutura dentro dos ginásios, com uma parede reservada só para crianças, com muitas opções de agarras de mão e pés bons, agarras temáticas em formas de bichos ou objetos e um bom profissional para orientar e motivar faz toda a diferença. Na rocha, brincadeiras de balanço com a própria cadeirinha, escalada em locais que permitam uma via ou boulder para crianças, colocando para abri-

rem suas próprias linhas em pequenos blocos, colocando nomes em suas conquistas e até mesmo colocando um bichinho ou brinquedo no alto de uma via, são coisas simples do ponto de vista de um adulto, mas para uma criança pode ser a diferença entre seguir na escalada ou se desmotivar completamente. O "Boom" da escalada atingiu não só grande parte da população mundial que se apaixonou pelo esporte, mas chegou também nas crianças de forma excepcional. Ginásios pelo mundo que mais se parecem com um gigantesco LEGO dedicados somente às crianças, onde podem escalar em diferentes formas, divertindo-se por horas, cada vez mais notícias de idades mais baixas escalando vias e boulders na rocha de grau elevado, campeonato mundial deste ano com um número de participantes nunca imaginados, tudo isso reflexo de uma boa formação desde muito cedo, até mesmo antes de aprender a andar temos crianças escalando, e para quem se dedica a enxergar outro futuro da escalada nacional através desta mudança no aperfeiçoamento profissional, a satisfação é impagável, apresentar a escalada como opção é nossa responsabilidade como educadores. Temos a grande sorte no Brasil de encontrar profissionais que se dedicaram a inserir a escalada nas escolas que por sua vez surgiram excelentes escaladores e grandes campeões. O pioneiro foi Dimitri Pereira, de São Paulo, que atua com a escalada infantil há muitos anos, e seus conhecimentos passados através de cursos em escolas, ginásios e faculdades têm crescido e formando novos profissionais na área. Anderson Gouveia, do Paraná, tem feito um trabalho sensacional formando, lapidando e levando a escalada de competição até os pequenos e literalmente levando-os até as competições para fora do país, experimentando assim desde cedo o processo de se formar grandes atletas. Denis Prado, de São Paulo, por desenvolver todos os anos os festivais infantis nas escolas e ginásios. LP Silva, Bahia, que mesmo com poucos recursos tem levado várias crianças para a escalada com a escolinha de rocha em Igatú na Bahia. Curumim, escola de escalada para crianças dentro da Casa de Pedra, em São Paulo, entre vários outros profissionais que têm se doado pela escalada com crianças. Aqui em São Bento do Sapucaí somos gratos e realizados por podermos desenvolver

este trabalho com as crianças, sejam elas turistas, moradores locais ou pelo projeto social Fundação Escalar, pois o ato de ver uma criança escalar sozinha, se desenvolver, evoluir no esporte e principalmente a satisfação de vê-las sorrindo e se divertindo com a escalada é o combustível essencial para continuar com essa atividade. E para quem pensa que as brincadeiras na escalada são algo somente para as crianças, está redondamente enganado, existem vários jogos que adultos podem realizar nos ginásios, até como forma de treinamento e que transforma a escalada muito mais divertida além das inúmeras séries de movimentos e barras, alguns exemplos abaixo: 3 x 3, este é o mais conhecido, cada escalador escala e utiliza 3 agarras, o próximo acrescenta mais 3 agarras e assim sucessivamente até completar 50 ou 80 movimentos, trabalha repertório de movimentos memorização e estratégia.

Escalar uma via, travessia ou boulder utilizando as mãos de uma linha definida e os pés de outra linha, ou vice e versa, trabalha repertório sob pressão, memorização e visualização.

Escalar sem utilizar os polegares, a movimentação gera um posicionamento mais complexo e uma tensão corporal muito mais requisitada. Escalar com um braço só, trabalha o aperfeiçoamento dos movimentos de Dead Point (chegada em uma agarra de um movimento em que a velocidade do corpo está praticamente fluando e preparando para voltar) Escalada vendado, trabalha memorização avançada, posicionamento e decisão rápida, mas controlada.

Escalada encordada, com um pedaço curto de corda fazer travessia com duas pessoas encordadas, trabalha ritmo conjugado.

Existem vários jogos e brincadeiras com o intuito de se evoluir, seja para uma criança, jovem ou adulto, o mais importante sempre é nunca, em qualquer idade, deixar de se divertir e retirar as inúmeras lições que a escalada nos proporciona e que podem e devem ser aplicadas no nosso dia a dia, seja em casa, no trabalho e principalmente como ser humano. Divirtam-se sempre.

André Belê tem apoios de Conquista Montanhismo, 5.10 e 4Climb.



# CASA DE PEDRA

## Loja e Ginásio

### Agora em um único endereço !

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP  
Tel.: 11 98198-8267  
[www.casadepedra.com.br](http://www.casadepedra.com.br)  
[www.escaladaindoor.com.br](http://www.escaladaindoor.com.br)



# Pico da Gomeira

Texto: Tacio Philip



Há alguns anos, o Parofes e eu conversamos sobre um pico isolado, que pode ser visto da Rodovia Presidente Dutra, entre o complexo do Marins-Itaguaré e a Serra Fina, bem acima de Cruzeiro, dificilmente não visto por quem passa pela região e com mais de 2000 m de altitude. Pouco tempo passou e logo descobrimos seu nome: Pico da Gomeira.

O tempo foi passando, a ideia amadurecendo, a busca de informações na internet não trouxe resultados então a logística começou a ser planejada usando carta topográfica e Google Earth até que, somente no ano passado, junto com o Mateus, fizemos a primeira investida nesta montanha, descobrindo que existiu uma estrada que levava até o cume, mas que este caminho havia fechado há diversas décadas e não estava acessível por proibição do proprietário da fazenda. Nesta mesma viagem, com uma investida por outro possível acesso, percebi também que precisaria de mais de um dia para alcançar seu cume através de sua outra face, iniciando na Garganta do Embaú, ponto onde há o famoso mirante e monumento em homenagem aos combatentes de 1932 e que divide os estados de São Paulo e Minas Gerais.

Tendo me calejado na abertura de trilhas, este ano, com a “Travessia Davi-Parofes” (Serrinha - Pico do Gigante - Pico do Ovo - 3 Picos de Itatiaia - parte baixa PNI) e a “Trilha da Panela” (subida do Pico dos 3 Estados via Paiolinho), duas trilhas inéditas que exigiram muito vara mato, inclusive tendo que varar muito bambu, a hora de fechar a temporada 2015 de abertura de trilhas havia chegado.

Assim, depois de um mês cheio de trabalho e precisando descansar o cérebro e cansar os músculos, na 2ª feira à noite, dia 31 de Agosto, peguei estrada rumo Cruzeiro e logo que subi a serra, sentido Passa-Quatro, estacionei o carro em um posto a cerca de 700 metros da Garganta do Embaú.

A noite no “porta-malas-cama” foi curta mas tranquila e, dia 1º de Setembro, depois do meu café-da-manhã-pré-montanha (miojo), às 6h da manhã iniciava a caminhada. A ideia seria seguir o mesmo caminho do planejamento inicial por onde o

Mateus e eu tínhamos tentado no ano anterior, apenas com alguns ajustes finos do trajeto a seguir e, agora, com dois dias disponíveis para a “roubada”.

Logo cheguei à Garganta do Embaú, divisa MG-SP, peguei água para os dois próximos dias e, pela trilha que sobe para algumas torres, comecei a subida. Os primeiros metros são bem abertos e logo depois é só encarar uma pirâmbeira em pasto até um primeiro cume logo acima. Com 13,5 kg na mochila essa subida foi penosa, mas logo acabou, tendo aproveitado as pausas para respirar e para fotografar as montanhas ao meu redor, que começavam a ser iluminadas pelo Sol.

Tentando parar o mimo possível (eu sabia que o dia seria beeeeem longo) fui seguindo a crista em diversos sobe/desce passando por alguns cumes, alguns colos, sempre muito bem acompanhado por mata fechada e bambus até que, depois de ver o cume da montanha apenas duas vezes no caminho, cheguei ao que parecia ser o colo antes da sua subida final, isso já por volta das 13 h. Neste momento tinha andado cerca de 7 horas e faltava “apenas” 1 km (em linha reta) até o cume, o que provavelmente levaria mais umas 7 h de caminhada, já que eu estava progredindo apenas uns 150 metros a cada hora!

Continuei subindo mantendo o

cérebro desligado, os músculos trabalhando, pensando que quanto mais eu subisse, mais próximo estaria no dia seguinte e na esperança de encontrar algum ponto bom para bivacar (dormir ao relento, sem barraca). O final da tarde chegou e, pelo GPS (onde eu tinha apenas o ponto estimado do cume pela carta topo), a montanha ainda estava longe (leia-se 500 metros). Mesmo assim continuei a subida, em alguns trechos parecia ser uma antiga trilha e, em outros, onde tinha sido a estrada que levava ao cume do Gomeira (sim, existiu uma estrada que ia até o cume, não tenho data certa, mas me falaram que esteve em uso até a década de 1960 e hoje a natureza pediu novamente seu lugar e voltou a ser uma mata muito fechada - eu percebia sua existência pelas bordas da estrada, que um dia foram cortadas para se ter um trecho plano - se você tiver informações sobre quando existiu, quando foi construída, quando foi abandonada, me fale!). Inclusive, ainda com as últimas luzes do dia, passei pelo primeiro vestígio totalmente humano: um cabo de aço que segurava dois postes logo acima.

Já no escuro, sendo guiado pela headlamp, continuei a subida até que, quando desceu a neblina, perdi totalmente a navegação visual e percebi que o GPS estava começando a me levar em direção errada (descida). Voltei um pouco, pelo GPS estava há uns 50 metros do cume, mas eu não tinha mais condições psicológicas nem físicas para prosseguir. Então, no primeiro trecho mais plano e aberto, tirei a mochila das costas e comecei a aplainar o que seria meu “acampamento”. Já eram 20 h e eu estava andando, abrindo trilha, há “apenas” 14 h, totalmente exausto.

Passei quase uma hora desfrutando aquele lugar até que, às 9h15, segui meu rumo para baixo, voltando exatamente pelo mesmo caminho que tinha aberto na subida (mesmo assim, em alguns trechos, me perdia e recorria ao GPS para ter certeza da direção a seguir). Aproveitei também para marcar melhor o caminho para futuros visitantes desta linda montanha, deixando os trechos ambiguos melhor sinalizados, abrindo melhor o caminho a seguir e fechando os caminhos errados (se houver apenas uma trilha, bem definida, o impacto ao local será muito menor que cada pessoa tentando abrir seu próprio caminho).

A descida foi tranquila, o desânimo que tinha me pego no final da subida no dia anterior tinha desaparecido do cume e, sem muita pressa, fui descendo, descendo, descendo até que, às 12h55, cheguei na saída da mata, de onde em diante seria apenas seguir o pasto.

Fiz uma longa pausa para mais vídeos, mais fotos, comer, beber e então, feliz pelo trabalho concluído, às 13h15 segui meu caminho. Mas o perrengue não tinha acabado: como ainda era “cedo”, segui mais pela crista dos morros em vez de descer para as trilhas de vaca e seguir o caminho que tinha usado na ida. No final sai na mesma casinha e torre bem no final da trilha, mas acabei seguindo por um caminho bem pior (serviu pra ter certeza que o caminho da ida realmente era o melhor).

Cheguei na Garganta do Embaú às 14h15, peguei um pouco de

água para o retorno e, sem muita pressa, fiz algumas fotos, vídeos e então fui retornando para o carro, que me esperava lá perto. Parei ainda no monumento em homenagem aos combatentes de 1932 e, chegando ao posto, um pessoal me olhava passar, afinal eu parecia um mendigo com mais uma calça totalmente rasgada pela trilha - Fabricantes de calça para atividades outdoor, quando vocês vão me apoiar? Esse ano, em cada trilha aberta, destruí uma!

Às 14h45, com bastante fome, finalmente cheguei ao carro para a merecida troca de roupas e na sequência para o merecido almoço, no mesmo posto onde o carro havia ficado, em um sirva-se à vontade muito bom - única consideração foi meu suco de acerola que a atendente deixou, sem querer, a tampinha do liquidificador cair dentro e ele veio com pedaços triturados de plástico - mas foi trocado assim que eu falei pra ela que tinha plástico no suco.

De lá estrada, uma pausa novamente na Garganta para lavar as botas, outra na descida da serra para fotografar, agora de longe, o Pico da Gomeira e então segui meu caminho para São Paulo.

Apesar do perrengue e cansaço essa montanha valeu muito a pena. Mais um projeto antigo finalmente realizado. Mas chega disso por esse ano. Agora, com a chegada do final da temporada de montanha e tendo completado meus 38 anos, acho que vou me dedicar mais às trilhas já abertas e brincar um pouco de acelerar o ritmo, fazendo algo mais “light”, como foi feita, agora no dia 23, a travessia da Serra Fina em apenas um dia, mas isso é tema para outra história.

As fotos e vídeos dessa viagem podem ser vistas em [www.tacio.com.br](http://www.tacio.com.br) e, quem quiser repetir a montanha, o track pra GPS já está disponível no wikiloc no link <http://pt.wikiloc.com/wikiloc/view.do?id=10690971>. Agora, com a trilha aberta, acredito ser possível alcançar o cume do Pico da Gomeira, saindo da Garganta do Embaú, em menos de 6h, sendo possível um bate-volta se for leve, mas também valendo a pena uma noite em seu cume para quem tiver tempo (leve água da base, não encontrei nenhuma fonte durante a subida).

E, caso você saiba mais sobre a estrada, as construções e sobre o que aconteceu ao redor durante a revolução de 1932, não deixe de me escrever, quero muito conhecer a história sobre o que já aconteceu nesta montanha tão importante e tão ignorada pelos montanhistas.

Contatos  
[www.tacio.com.br](http://www.tacio.com.br)  
[www.fb.com/tacio.com.br](http://www.fb.com/tacio.com.br)

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações  
[www.bele.com.br](http://www.bele.com.br) ou  
ligue para 11 82446672

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

[www.penatrilha.com.br](http://www.penatrilha.com.br)



Rua Apeninos 803 São Paulo SP  
11 3562 1801





# TRANSMANTIQUEIRA EM SOLITÁRIO

Texto: Pablo Bucciarelli

*“Meus pensamentos se voltaram para a Mantiqueira desde que a vi pela primeira vez. Embora de longe e de passagem, de carro na Dutra, foi amor à primeira vista. Faz tempo que isso ocorreu. Caminhar pela Mantiqueira é como entrar num filme, numa viagem transcendental sem começo, meio e fim. Eu vivo essa experiência todas as vezes que subo suas montanhas. Meu coração mergulha profundamente em pensamentos sublimes sobre sua beleza, as famílias que ali se criam, e as lindas flores que colorem seus caminhos.*”

*Cada montanha tem personalidade própria, uma vida em si! Na Mantiqueira vou vivendo cada momento com magia. Vou caminhando e sentindo o que a terra tem pra me oferecer de melhor. Vou indo aos poucos, observando seus aspectos originais. Noto cada detalhe, suas cores, sua textura, a umidade transpirando na vegetação e o aroma presente no ar.*” — Pablo Bucciarelli

Em 2013, numa época de fortes chuvas, enfrentei pela primeira vez ao lado do amigo Pedro Alex, a travessia chamada por muitos de Transmantiqueira. Em meados de Novembro, após a temporada de montanhismo, quando não havia nada pior do que subir uma montanha na região. Além da época desfavorável em função do aumento no índice de chuvas, decidimos realizar tal feito sem apoio externo, autossuficientes, sem GPS, apenas com os mapas e nossas bússolas em mãos, usando principalmente o conhecimento sobre a rota, cada um com sua mochila de 25 litros contendo o básico para toda a travessia, e um pouco de dinheiro para reposição de alimentos. Muitas vezes fomos recebidos pelos moradores da roça com entusiasmo, oferecendo comida e no avançado da hora, um local honesto para descanso. Foi uma experiência de vida surreal. Tivemos nossos obstáculos físicos e mentais. Os pés adormeceram e a dor esteve presente desde as primeiras horas da travessia. A cabeça lutava contra o sono e ambos tivemos nossos conflitos, internos e externos... sede, fome, desconforto, não foi nada fácil.

O aprendizado foi enorme. E por muito tempo não quisemos mais retornar à região. Passamos por uma prova e tanto. O espírito precisava se resguardar para ficar em paz. Pelo menos até quando o chamado chegasse novamente aos nossos ouvidos. Eu já tinha planos para refazer a rota, mantendo o estilo minimalista e o ritmo veloz. Sou adepto do montanhismo de velocidade. Isso não me faz um ser humano apressado, mas me considero muito produtivo quando focado num desafio. No entanto, me dou o direito de viver momentos de contemplação sempre que sinto a necessidade.

Mas, voltar para refazer a rota eliminando os erros cometidos já estava no meu horizonte. Junto de Pedro Alex tínhamos planos de voltar, mas um

imprevisto profissional afastou meu camarada dessa possibilidade, pelo menos naquela ocasião. Pedro Alex partia para o Peru para trabalhar na sua tese de Doutorado em Antropologia numa tribo indígena da etnia Asháninka. Fui sozinho, em solitário. Senti um chamado maior. Por alguns anos fui atleta de Corrida de Aventura na categoria solo, onde tive certo destaque, e por isso, adquiri grande confiança nas atividades ao ar livre sozinho. Realizei algumas aventuras até chegar nesse patamar para me lançar em situações de maior exposição. Para muitos uma forma insegura, mas para mim um momento de retiro, um isolamento, um ato de desaparecimento.

Dessa vez, fiz a travessia eliminando os erros de navegação cometidos em 2013. A rota estava mais clara depois da experiência anterior. Também, fui mais prudente com relação aos cuidados com os pés, a fim de evitar uma lesão, um desafio e tanto para quem tinha quase 400 quilômetros por trilhas e montanhas pela frente. O sono foi mais uma das restrições que tive que administrar. Fugir do ‘abraço do urso’ pelo tempo que fosse possível era meu desejo, mas a qualquer momento ele me pegaria, eu sabia. Minha meta era dormir no máximo duas horas por noite. Ao final consegui manter uma média de 3 horas. As chuvas de granizo e as tempestades elétricas foram um risco a parte, mas não havia muito que fazer. Tive que cuidar para não me expor demais nas travessias de crista. A natureza sempre nos protege. Tenho fé e trato com respeito cada solo pisado durante minhas andanças. Explorar não significa destruir, na verdade é como desvendar para consagrar. Somos todos guardiões desse rico santuário.

E assim foi minha história na Mantiqueira, de 13 a 19 de fevereiro passado, enquanto na Sapucaí, aquela do Marquês e não a do São Bento, muitos pulavam o Carnaval, eu me isolei e busquei a conexão com a floresta e a montanha. Parti para uma longa e dura travessia, que mudaria minha vida em definitivo. Fiz a Transmantiqueira em solitário, chegando ao final a uma soma de 397 quilômetros de percurso. Em 2013, eu e o Pedro Alex concluímos a travessia em 8 dias, 3 horas e 15 minutos, somando 424

quilômetros. Agora, bati meu próprio recorde com 6 dias, 5 horas e 15 minutos. Foram 46 horas a menos. Foi uma travessia inédita em todos os sentidos.

A Serra da Mantiqueira é uma importante cadeia montanhosa, com altitudes que variam de 800 a 2.800 msnm (metros sobre o nível do mar), e está situada na região Sudeste do Brasil, entre as principais metrópoles e centros de desenvolvimento econômico do país: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Fornece as águas que correm para as bacias hidrográficas dos rios Paraíba do Sul e Paraná, conservando inúmeras riquezas socioambientais. Sua vocação maior é a de produtora de águas. Os Estados de Minas Gerais e São Paulo têm 50% de sua água consumida oriunda dessa grande caixa d’água.

A Mantiqueira contém remanescentes de ecossistemas do bioma Mata Atlântica, habitat para várias espécies endêmicas. Sua vegetação é diversa por causa das diferenças climáticas dos níveis de altitude. Nas regiões abaixo de 1.100 msnm predomina a Floresta Ombrófila Densa Montana. Entre 1.100 e 2.000 msnm encontra-se a Floresta Ombrófila Densa Altomontana e florestas mistas, com a presença de araucária. Na transição para as regiões mais altas, aparece uma vegetação mais baixa e uniforme, como os bosques de candeias. Acima de 1.800 msnm, encontram-se também campos de altitude, contendo capins altos em solos pedregosos e espécies adaptadas ao frio. Aliás, tive pela frente uma vegetação já bem nutrida depois das chuvas de verão, especialmente o capim elefante tão conhecido dos andarilhos da Serra Fina.

Muitos animais selvagens habitam a Mantiqueira. Entre eles podem-se citar as aves de pequeno porte, o porco-do-mato, os macacos muriqui, bugio e mico-preto, o tamanduá, o gambá, o lobo-guará e felinos. Não posso afirmar, mas é bem capaz que uma suçuarana ou uma jaguatirica me fizeram companhia durante as travessias mais selvagens na montanha. Acima de 1.900 msnm registram-se principalmente as aves, entre elas os gaviões, o corujão-damata e a seriema. Estimativas indicam que, só no Parque Nacional do

Itatiaia (PNI) vivem mais de 100 mil espécies de insetos e 300 espécies de aves.

“Amantikir” ou Mantiqueira é um termo de origem tupi-guarani que significa “gota de chuva”, através da junção dos termos “amana” (chuva) e “tykyra” (gota). Os índios atribuíram esse título de “serra que chora” devido a grande quantidade de rios que nascem na serra. O maciço da Serra da Mantiqueira possui mais de 500 quilômetros de extensão e tem início próximo à cidade de Bragança Paulista e segue para o leste delineando as divisas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro até a região do PNI onde adentra Minas Gerais até a cidade de Barbacena. Seu ponto culminante é a Pedra da Mina, com 2.798 msnm, e seu ponto de transposição mais baixo é a Garganta do Embaú, por onde passaram os bandeirantes durante suas incursões ao interior de Minas Gerais.

A travessia que realizei logo após completar meus 40 anos de idade consistiu na união das principais montanhas da Serra da Mantiqueira. Incluem-se nisso os roteiros mais conhecidos dos montanhistas, como as travessias Campos-Piquete, Marins-Itaguaré, Serra Fina, Serra Negra e Serra do Papagaio, passando ainda pelo maciço de Itatiaia. Apesar da jornada dura que enfrentei, decidi alongar o percurso para que quase toda a extensão da Mantiqueira fosse percorrida, abrindo mão das partes mais baixas. Iniciei a empreitada a partir da Vila de Monte Verde, passando por São Bento do Sapucaí e Parque Estadual de Campos do Jordão. Daí conectei todas as travessias mais conhecidas, com descenso final em Aiu-roca. Passei pelos principais picos da serra, vinte e seis deles acima dos 2.000 msnm. Os de maior relevância seriam: Pedra do Baú (1.950 msnm), Pico dos Marins (2.420 msnm), Pico do Marinzinho (2.432 msnm), Pico do Itaguaré (2.308 msnm), Alto Capim Amarelo (2.352 msnm), Pedra da Mina (2.798 msnm), Pico dos Três Estados (2.665 msnm), Pico das Agulhas Negras (2.791 msnm) e o Pico do Papagaio (2.105 msnm).

“A busca é infinita e o caminho longo. Não procuro atalhos.” — Pablo Bucciarelli  
Viva a Mantiqueira!





# O Vôo da Águia

Texto: Willian Lacerda

Após 22 horas de viagem interruptas estávamos mais uma vez no mundo das grandes paredes! Foram dias de discussões, troca de e-mails, fotos e mensagens até estarmos ali com os binóculos nas mãos tentando achar a melhor linha naquele mar de granito. Quem nos conduziu até ali foi nosso amigo Roberto Telles, escalador local que gentilmente já tinha feito contato com a proprietária do sítio e nos levou até 30 minutos da base da parede.

Com a “pseudo” linha traçada era hora de descarregar o carro e montar nossa nova moradia.

Enquanto o Ed organizava os equipamentos, eu e o Val fomos montando a barraca, esticando uma lona, organizando as garrafas de água, comidas e deixando tudo ajeitado, pois o tempo não estava aquela beleza. Enquanto preparávamos o jantar, mortos de cansado pelas longas horas de estrada, discutíamos qual seria a melhor estratégia: entrar de mala e cuia com hallbags e portaledges ou ir conquistando, fixando cordas e descendo para o acampamento todos os dias. Ficamos um bom tempo ali indecisos, até optarmos por escalar o primeiro dia, ver a qualidade da rocha e qual seria a melhor forma de encerrar esta parede.

As 05h00 o despertador insiste em nos dizer que está na hora de começar, acordamos meio sem querer acordar, tomamos o café e às 6 da manhã já nos dirigíamos para o nosso destino com 3 mochilas carregadas cheias de ferros, cordas e boas intenções. Após uns 40 minutos, dentre estes alguns perdidos por falta de trilha, estávamos na base da parede! Gritei ansioso, olhando ainda de longe que guiaria a primeira enfiada, mas só quando cheguei na base da fissura fui ver que aquilo virava uma chaminé, fenda de corpo, enfim algo meio estranho... me preparo, e com a caderinha carregada de friends saio negociado o início da nossa empreitada. Coloco uma peça e já estou dentro da fenda de corpo colocando o Batman para trabalhar, após muita força saio da fenda como se estivesse virando um teto, a rocha não é aquela maravilha e as lacas vão se soltando, alguns trechos de fenda podre, delicado, peças em buracos, mais a escalada flui e consigo terminar os 60m iniciais.

Com a parada pronta o Val inicia a 2ª cordada, enquanto isso o Ed vem de expresso jumar trazendo uma cargueira de 70 L. A escalada fica mais delicada, mais lacas se soltando e a parada já é um campo minado, com uma chapa a uns 5m da parada e passagens nada óbvias. O Val vai negociando com umas lacas meio soltas, meio podres, até montar num negativo e chegar uma fenda boa a qual o leva até um gigante off width, após muita luta, suor e algumas quedas o restante da cordada é

um desfrute, enquanto ele se organiza pra montar a parada, somos pegos por uma tempestade, muita água, vento e em minutos a parede já tem até cachoeiras, arrumamos tudo e descemos para o acampamento. Após este dia decidimos que devido as chaminés, fendas de corpo, alguns trechos de rochas podre, iríamos trabalhar com cordas fixas no lugar de entrar com portaledges, e que dessa forma poderíamos depois de conquistar, repetir os esticões para ver como ficaram, encadenar e capturar mais vídeos e fotos. Novo dia e 04h30 já estamos de pé ajeitando as coisas e saindo antes do sol nascer. Jumareamos 120m com as cargueiras para fazer a digestão do café da manhã e o Ed se ajeita pra começar o terceiro esticão. Estamos na base da chaminé, a mesma que se via do nosso acampamento, a rocha é sólida e os lances fáceis fazem o Ed ir sumindo do visual, e quando o Val chega a enfiada já está quase acabando, grito que falta menos de 5m e que prontamente me responde que vai fazer a parada num platô.

Mais tarde vimos que não era bem um platô, mas cabia metade dos pés e para minha tristeza o quarto esticão me pertence e a fenda sumiu, só o que consigo é ver uma placa lisa com cristais até onde posso enxergar. Saio em livre, volto pro artificial, bato proteções, passo magnésio, coloco o estribo, como soffro nessas aderências!E a partir daí ainda surge uma águia chilena, que de vez em quando dá uns rasantes quase me matando do coração, consigo passar a parte mais vertical, e a partir daí consigo fazer render e só paro 60m depois num platô gigante, este sim um 5 estrelas. Já estamos no fim da tarde, o Val vem rápido e inicia o quinto esticão em uma canaleta com uma fenda dentro, que alegria! A escalada vai rendendo, a fenda acaba, passa um lance delicado, ele bate uma chapa, e a águia sempre o acompanhando e dando rasantes, e ao escurecer bate a parada. Nesse meio tempo cogitamos com o Ed de bivacar nesse platô, mas as nuvens carregadas e os primeiros pingos nos fazem descer para o acampamento. A noite é só alegria, após um bom dia de

trabalho jantamos uma bela macarronada, um bom vinho espanhol e som de viola do nosso amigo Ed, tudo perfeito. Acordamos as 05h00 da manhã com uma fina garoa e o dia fechado, resolvemos assim nos dar um dia de folga para repor as energias, e o que escalador faz no dia de folga? Pegamos o carro e junto com o Roberto Telles fomos conhecer as montanhas da região, é pedra que não acaba mais! E após um longo dia voltamos recarregados e decididos em acabar o trabalho, com a idéia de bivacar no platô e só descer com a via terminada. Acordamos as 4h30 e após um café rápido, mochilas prontas, rumamos mais uma vez pra parede. Após um longo jumareio estou com o Ed no final do quinto esticão, a serração toma conta de nós, e aquilo vira uma garoa e para minha alegria descubro que o Ed está com o meu anorak, como é bom se sentir aquecido novamente e enquanto o Val está chegando no final do quarto esticão com a cargueira a chuva já está grossa, e eu e o Ed estamos rapelando pra se enfiar num buraco que existia a esquerda do platô. Quando chegamos o Val já estava com a casa montada: lona esticada no buraco e então nos amontoamos os três naquele buraco à 300m do chão, um olhando pra cara do outro. Digo que não vou descer pois não quero jumarear denovo, calculamos que temos comida pra dois dias, e tinha que ver a cara de triste do Val quando soube que eu e o Ed tiramos o pão, salame e queijo por causa do peso. Para minha alegria o celular resolve funcionar ali e consigo ver a previsão do tempo que diz que as 09h00 da manhã só vai ficar nublado e a tarde teria sol, era umas 7 da manhã, será possível? Sim, era verdade: o tempo foi melhorando e o vento forte que começou soprar começou a secar a parede, aproveitamos pra comer e beber bem, e lá pelas 9h30 o Ed iniciava o sexto esticão, por agarras e às vezes por uma aresta da canaleta a sua esquerda, mesclando chapas e móveis, saindo uma cordada linda e estética, terminando 60 m depois num platô. Vamos para cima novamente, que chegou minha vez de guiar, me ajeito e entre sair por agarras reto para

cima opto em pegar uma fenda diagonal a esquerda, fácil e com peças boas. Mas o que é bom dura pouco, começo sentir o cheiro do cume mas quem disse que ele iria se dar assim tão fácil? Novamente lá estou eu numa placa lisa de cristais, bailando com estribos, cliffs, fazendo lances em livre, pisando na chapa pra ficar mais alto... enfim vale tudo nessas horas. Por último bato uma chapa, saio em livre, domino uns caraguatás e a parede deita, foi só correr para o cume, grito para meus parceiros, bato a parada e é só esperar pra comemorarmos. Tiramos fotos, tomamos um suco, biscoitos, e resolvemos descer tentando encadenar as cordadas e fazer fotos e vídeos, pois ainda eram uma da tarde.

Rapelo com o Val, o Ed nos solta a corda e fica lá encima para filmar, então o Val reinicia aquela cordada que eu acabava de ter conquistado. Vai sem problemas pela fenda, entra nos cristais e consegue fazer tranquilamente todos os lances em livre, encadenando assim essa cordada. Agora é a vez do Ed tentar encadenar a penúltima cordada e eu ficar filmando, também libero a corda para eles e fico só de cima observando o balé do Ed entre bromélias e pequenos cristais, escala com maestria e encadena a cordada com um esticão no final que até eu fico tenso. Uhuh, mais uma! E assim vamos descendo, levando todo nosso material de conquista e repetindo as cordadas, quando já a noite deixamos as duas cordadas iniciais para o outro dia. Chegamos acabados no acampamento às 20h00 porém mais felizes do que nunca, fizemos umas mini pizzas e tomamos um vinho pra comemorar.

Acordamos cansados por volta das 08h00 da manhã, e após um farto café, ficamos ali olhando a parede e esperando a boa vontade de ir lá fazer as duas cordadas iniciais. O dia estava lindo e quente e já sentíamos o cansaço dos dias anteriores, subimos por volta das 13h00 até a base, tomamos um suco e entramos num consenso do que levar pra repetir as duas cordadas. Me arrumei e saí com 2 jogos de camalots do .3 ao 6, literalmente pronto pra guerra, o

calor tava de matar, fritando os pés, suando sem parar, e lá fui eu negociando aquela cordada novamente e já sabendo os venenos que iria passar. Isso é bom e ruim, acho que foi quase uma hora pra tentar encadenar essa enfiada, enquanto do lado o Ed só assistia e filmava minha gemeção, cheguei na parada sem nada, não sobrou nem o cordelete e o mosquito de rosca, que larguei em algum bico para refrescar a mente, ufa!Minha parte estava pronta. O Val veio limpando e se arrumando pra derradeira cordada, só faltava aquela pra cadena, e como o Val mesmo disse já tenso, não tava com vontade de repetir mais de uma vez.

Saíu bailando, carregado até os dentes enquanto eu e o Ed só assistíamos na arquibancada, passou bem a primeira parte, protegeu na base da fenda boa e esticou até a base do off width, até eu e o Ed já estávamos tenso, protegeu e começou o show: geme daqui, reclama dali, não consigo descansar, faz muita força e enfim passa extenuado a pior parte e literalmente sem forças se arrasta até o

final da cordada já no por do sol. Enfim armamos os rapéis, limpamos tudo e descemos pela última vez da parede com a sensação de dever cumprido. Descemos sem pressa pela trilha, só lembrando dos momentos, dos perrengues, então era só jantar, separar toda a tralha e pegar a estrada novamente, desta vez rumo a nossa casa.O nome da via deu-se pela majestosa e linda águia chilena que nos acompanhou nos dias de parede e que por muitas vezes nos assustou com seus vôos rasantes e intimidadores.

Fica aqui o meu agradecimento ao Roberto Telles, por sua amizade, hospitalidade e apoio na cidade.

Agradeço especialmente a Conquista Montanhismo por todo o patrocínio de equipamentos, roupas técnicas e materiais utilizados na nossa empreitada, viabilizando assim nossa viagem até a cidade de Afonso Cláudio no Espírito Santo.

Bons ventos, e boas escaladas a todos  
Willian Lacerda.

**DIRETO DA FÁBRICA**  
com pequenos defeitos



*e muito mais BARATO !*

**EXCLUSIVIDADE ARMAZÉM AVENTURA**  
[www.armazemaventura.com.br](http://www.armazemaventura.com.br)

**Mais que uma loja de equipamentos outdoor**

**NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA**

Ambiente descontraído  
Assistência personalizada  
Suporte técnico  
As melhores marcas





**BIVAK**  
OUTFITTER

e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)  
11 2308 6995  
Rua Caramuru, 523  
Metrô Praça da Árvore, São Paulo



**Uma Deuter é para a vida toda**



[www.deuter.com.br](http://www.deuter.com.br)



# ATRAVESSANDO O CENTRO-OESTE (V): O PARQUE DAS EMAS

Este é um grande espaço de terras planas cobertas pelo cerrado, onde é possível uma interessante observação da fauna silvestre. Lá os animais, pequenos e grandes, circulam livremente pela área. Possui duas entradas, a norte e a sul, com uma longa estrada entre elas. A primeira é completamente seca, mas na segunda você encontrará muitas zonas aquáticas. O parque é bem vazio, mas tem uma razoável estrutura, que permite você pousar nas proximidades.

ALBERTO ORTENBLAD | SP

## Introdução

Foi no distante MV #53 de abr/mai 2000 que relatei uma viagem minha ao Mato Grosso do Sul. Fui lá conhecer o Cânion do Engano, sobre o qual havia lido um instigante relato no jornal. Ao chegar ao município de Costa Rica, encontrei emocionado um agrimensor traçando o que viria a ser a última das divisas de um novo parque sendo naquele momento criado. Tratava-se de um conjunto desorientador de sete gargantas, no qual a principal recebia todas as demais. Ao invés de Cânion do Engano, o parque foi batizado com o infeliz nome de Parque Estadual das Nascentes do Taquari. Aliás, nada surpreendente para um Estado que escolheu a meu ver um nome equivocaco, ao ser desmembrado 35 anos atrás do Mato Grosso. Nesta ocasião, visitei pela primeira vez o Parque das Emas, que com ele fazia divisa, para conhecer o fenômeno da bioluminescência, de que falarei a seguir. Foi um rápido contato, mas dele não me esqueci, pois acreditava então que as emas, envenenadas pelos agrotóxicos das lavouras vizinhas, escolhiam aquele território para morrer!

## O Parque

O Parque das Emas fica num canto entre três Estados, Goiás e os dois Mato Grosso. Porém está quase que totalmente contido no município de Mineiros (GO), com pequenas áreas em Chapadão do Céu e na Costa Rica a que já me referi. Está situado logo ao sul da Serra de Caiapó e ocupa um enorme chapadão a 800m de altitude. Os índios que deram o nome à serra aparentemente nunca viveram nele. Ele pode ser acessado por duas portarias, os Portões Jacuba ao

norte e Bandeira ao sul. Existe uma pousada em cada extremidade, chamadas Emas e Glória, a do norte sendo bem precária. O primeiro portão dista 88 km por asfalto de Mineiros e o segundo, 30 km de terra desde Chapadão. Estas são duas cidades médias ou pequenas, perdidas no enorme oeste brasileiro. Em Mineiros predomina a pecuária e em Chapadão, a lavoura, ambas com extensões que lhe parecerão infinitas. Ficam a 450-550 km das respectivas capitais. O Parque nasceu em 1961 com um tamanho inviavelmente grande, pois havia na época uma intenção de valorizar o Brasil Central. Ele foi reduzido para quase um décimo em 1972, na sua atual área de 132 mil ha. Possui a forma aproximada de um retângulo vertical, sendo atravessado de norte a sul por uma estrada em piçarra que me pareceu boa, talvez por tê-la conhecido na estação seca. Os rios desta região correm seja para o Araguaia, o Paranaíba ou o Paraguai, o que significa as três importantes bacias da Amazônia, do Prata e do Pantanal. Apresenta a feliz e rara situação de estar completamente regularizado. A razão foi a doação de praticamente toda sua área pelo fazendeiro e caçador Filogônio Garcia. Diferentemente da maioria dos nossos parques naturais, que foram assentados em terrenos pobres, aqui o solo presta-se ao cultivo de grãos. Filogônio percebeu que este território seria invadido se não fosse preservado como uma reserva natural.

## A Vegetação

A paisagem do parque contém as mais variadas formas de cerrado: campo limpo (onde as gramineas predominam), campo sujo (com maior presença de árvores), campo rupestre (em geral altos e rochosos), cerrado e cerradão



(dependendo da densidade arbórea), veredas (regiões úmidas povoadas por palmeiras buriti), mata ciliar (ao longo dos vales úmidos). Esta vegetação tem o aspecto áspero e retorcido associado à secura do cerrado. Para evitar o risco de incêndio, são feitos aceros, quando faixas de 20 ou 30 metros são previamente queimadas – além de impedir a passagem do fogo, facilitam a observação dos animais pela ausência de vegetação. O último grande incêndio foi provocado no inverno de 2010 por uma fagulha e queimou quase todo o parque.

No verão as chuvas são frequentes e os dias são quentes, com média de 32°. Nos invernos secos, descem para talvez 25°. A melhor época para a visitaçao é outubro, com a floração que se segue às chuvas da primavera e com o aspecto já verde da vegetação. Esta é a época da procriação dos animais, à espera da fartura do verão. E também da bioluminescência, quando uma luz em tons verdes ou azuis emana à noite dos inúmer

os cupinzeiros, tornando-os semelhantes a um campo de pouso. Ela é produzida pelas larvas dos vaga-lumes, alojadas nos cupins. Eles produzem um químico que, ao ser oxidado, emite luz fria para atrair seus companheiros. As pirâmides dos cupins parecem então adquirir vida, num efeito misterioso e assustador.

## A Fauna

O principal interesse da visitaçao ao parque é o avistamento da vida silvestre, em particular dos pássaros, que possuem formas mais variadas que os mamíferos. E são também mais abundantes, pois são lá conhecidas mais de 200 espécies – como araras canindé, tucanos, seriemas, urubus-rei, águias e naturalmente emas. Não são endêmicas, embora sejam observados tipos raros de beija flores. Fora as emas, o parque é pródigo em tamanduás bandeira. Foi talvez a espécie mais afetada pelo recente incêndio, devido à sua movimentação lenta e à fácil com-

bustão de seus pelos – mas, após dois anos desaparecidos, estão felizmente retornando. É incrível avistar os filhotes alojados no dorso das mães, com suas listas coincidindo com as dos adultos, para enganar os predadores.

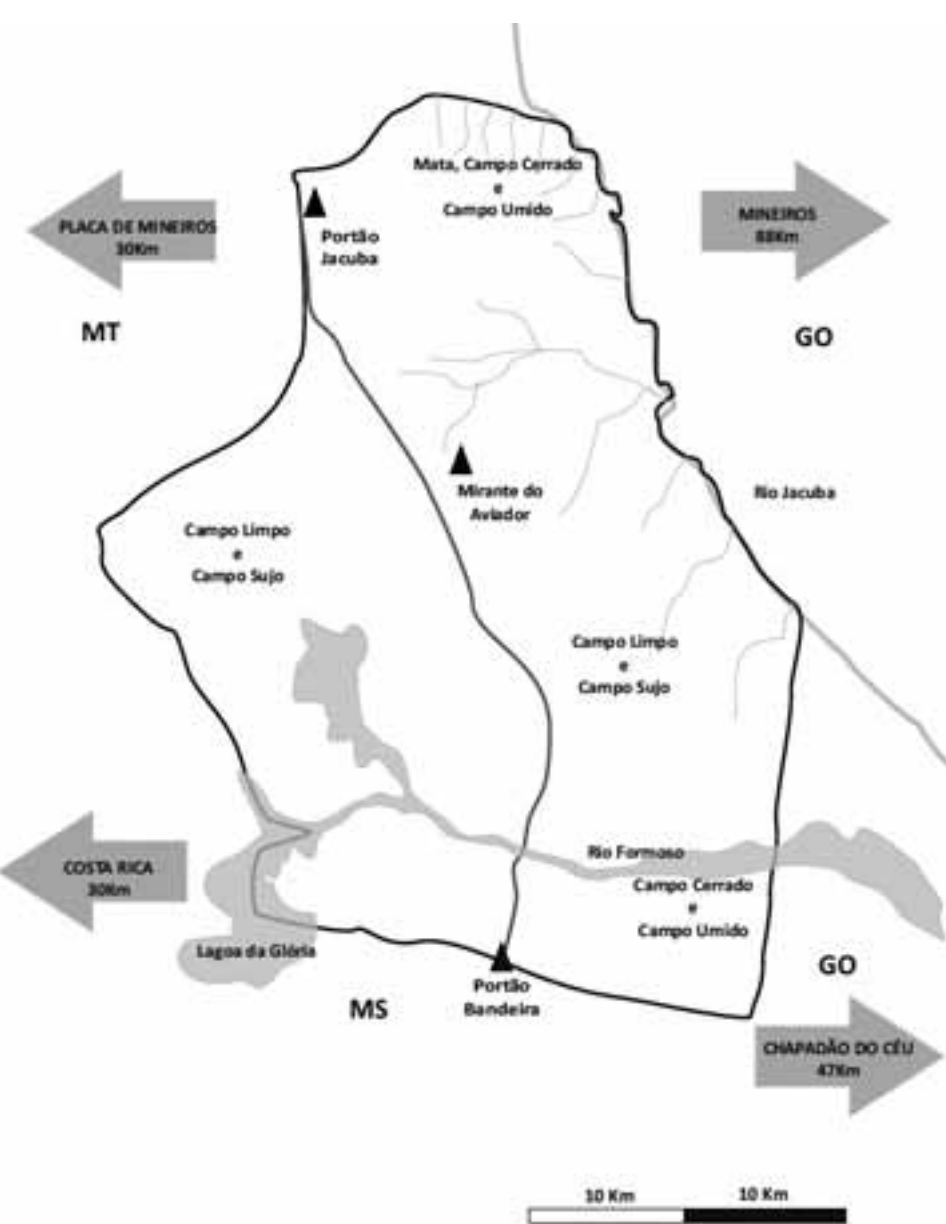
Os animais mais comuns são os vistosos cervos e os veados menores avistados nos campos, os macacos prego e bugio nas matas, os lobos guará detectados por seu forte odor, os cachorros e os gatos do mato, as antas nas vizinhanças das áreas úmidas e os humildes tatus. As onças (parda e pintada) e as jaguatiricas também percorrem o local, embora de forma escondida. Os felinos costumam ocupar as matas da Jacuba, a leste do parque. Porém a insuficiência de corredores ecológicos que as conectam com outras zonas florestadas no Araguaia as estão fazendo invadir os espaços abertos das fazendas, quando atacam os

animais e são abatidas pelos fazendeiros.

## As Atrações

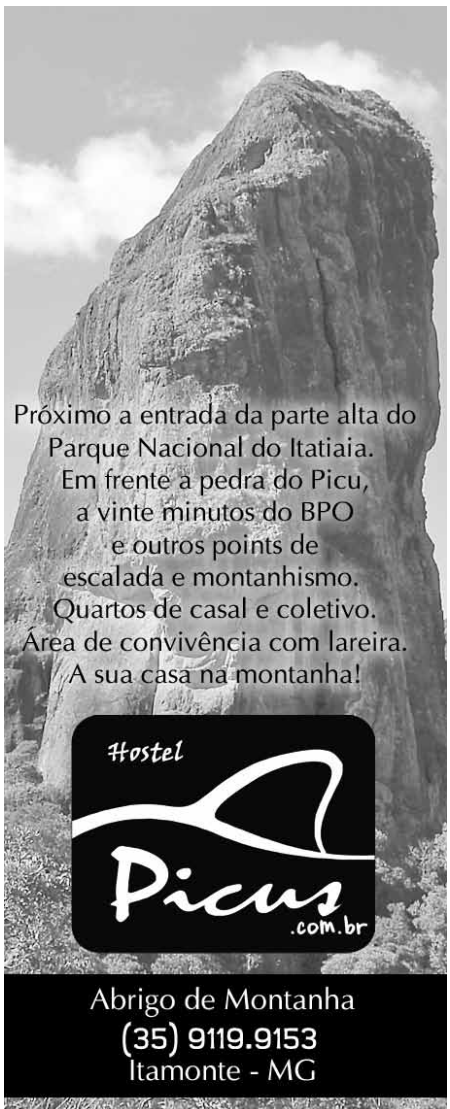
O Parque das Emas não se presta a caminhadas, devido à sua extensão plana meio igual. É até mesmo difícil fotografá-lo, devido à ausência de acidentes geográficos importantes. A forma adequada de conhecê-lo é de veículo, com paradas eventuais em pontos de interesse. O percurso são os 50 km da estrada de ligação entre os dois portões, que devem ser percorridos lentamente, talvez por 3 a 4 horas. Em uma tarde e um dia rodei por 145 km e caminhei por talvez 2 hs no seu interior. Você notará que existem marcos de concreto ao longo das vias, com um estranho código de letras e números, que cobre todo o abecedário. Cada marco contém um desenho com sua posição no parque.

## Mapa do Parque Nacional das Emas



Foram criados muitos anos atrás por um padre apaixonado pelo lugar – e, a meu ver, poderiam ser bem mais simples, pois só parecem ser compreendidos por aqueles habituados ao parque. A cerca de 4 km da entrada norte existe a Mata da Jacuba - este nome significa uma mistura de rapadura, farinha e água. Lá foi um antigo local de parada dos tropeiros que iam de Mineiros (GO) até Coxim (MS), em viagens de três meses. As nascentes do Araguaia estão bem próximas, porém fora do parque, do outro lado da rodovia de acesso. O lugar é ocupado por uma bela mata vertical, contendo a Trilha do Homem Seco, num percurso relativamente longo em direção às margens do Jacuba. Este tal homem seco foi um filho ingrato que, diz a lenda, acabou amaldiçoado pelo pai e entrelaçado numa gameleira. O Rio Jacuba forma divisa leste do parque, fluindo em direção ao sul. Se você seguir pela estrada principal, chegará 20 km depois ao Mirante do Avoador. É um lugar com uma vista panorâmica para um conjunto de furnas, o único local do parque onde ocorre um desnível acentuado. É habitado por felinos, que percorrem os cerrados ciliares até a Jacuba. Lá de cima você poderá avistar os vestígios da cerca da antiga fazenda de Filogônio Garcia, na área plana frontal às furnas. Depois de mais 25 km pela estrada, provavelmente com observação de muitos animais, você atingirá um local completamente diferente da planura conhecida até agora: o Rio Formoso, atravessado por uma simpática ponte de madeira. É uma vista bonita, com as águas encachoeiradas do rio correndo entre suas margens povoadas por palmeiras. O Formoso e o Jacuba são os formadores – e, curiosamente, os únicos afluentes - do rio Corrente, que tem um tamanho bem razoável. Aqui você pode praticar atividades aquáticas, desde flutuação (com 1 km) a rafting (de 12 km). Pode também visitar a 6 km a Lagoa da Capivara, um belo poço sereno circundado de verde, para onde correm as águas luminosas do rio. Se você dispuser de tempo e o solo estiver seco, percorra de veículo ou de bicicleta a oeste os 20 km à volta da Lagoa da Glória. É curioso como uma região tão seca se comunique com

outra tão aquática. Existem neste espaço nada menos do que três áreas alagadiças, todas elas confluindo para o Rio Formoso. O Formoso fica a apenas 6 km do Portão Bandeira, a entrada sul do parque. Se você tiver entrado pela Jacuba, pode retornar pelo mesmo caminho ou pousar aqui. Se entrou pelo sul, pode também retornar pela estrada. Porém, a administração do parque não estimula o pouso sucessivamente numa e depois na outra pousada, para evitar o tráfego de velocidade pelo interior do parque. Os visitantes interessados na observação da natureza preferem em geral chegar por Mineiros e atravessar a região. Já os adeptos das atividades aquáticas costumam vir pelo Chapadão do Céu e não ultrapassar o Formoso. É um parque pouco visitado, exceto neste último trecho – talvez por 2 mil pessoas/ano. Mas conhecê-lo é um exercício diferente, nos seus espaços abertos povoados pela exuberante mas escondida vida do cerrado. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br





# RIO MOUNTAIN FESTIVAL

15ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha

## 16 e 17 OUT 2015

Cine Odeon - Cinelândia - Rio de Janeiro

PATROCÍNIO

APÓIO

**BANFF MOUNTAIN FILM FESTIVAL WORLD TOUR**

**Equinox**

**REEL ROCK 10**

PROMOÇÃO

APÓIO INSTITUCIONAL

REALIZAÇÃO

CANAL off

Go Outside

Mountain

RADIO CIDADE 102.9 FM

CEME

CENTRO CULTURAL LUIZ SEVERIANO RIBEIRO ODEON

9d produções

THE BANFF CENTRE

International Alliance for Mountain Film

www.riomountainfestival.com.br

# RESISTE!

## E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!

[www.equinox.com.br](http://www.equinox.com.br)

**EQUINOX**

## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editor: Eliseu Frechou

Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.

E-mail: [contato@montanhismus.com.br](mailto:contato@montanhismus.com.br)

Web site: [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.

Capa: Pablo Bucciarelli passando pela Pedra do Baú em São Bento do Sapucaí durante a travessia da Serra da mantiqueira em solitário.

Imagem: André Dib.

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/06/2015.

Nome.....

Endereço.....

Cidade..... Estado.....

CEP..... Telefone.(.....).....

E-mail.....

Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....

Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra

Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada

( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00

( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00

( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00

( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar

( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00

( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00

( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

**146**

Total .....00

Desde 1989 preparando montanhistas para grandes desafios.

**MONTANHISMUS**

Escola de Escalada

Telefax: (12) 3971.1470

São Bento do Sapucaí - SP

[www.montanhismus.com.br](http://www.montanhismus.com.br)

CHEGOU A NOVA SÉRIE QUE VAI RADICALIZAR SEU ESPÍRITO AVENTUREIRO.

**SANDSTONE SERIES**

[CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR](http://CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR)

[FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990](https://www.facebook.com/CONQUISTAMONTANHISMO1990)

[INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO](https://www.instagram.com/CONQUISTAMONTANHISMO)





EVOLUTION

THE EVOLUTION OF ADVENTURE

